

Economia Solidária e Organização Social
Solidarity Economy and Social Organization
Economía Social y Organización Social
Economie Solidaire et organisation sociale

Aldo Silva de Mendonça*

Resenha do livro *Experiências em Economia Solidária*, de Alícia Gonçalves. Campinas: Editora Arte Escrita, 2009.

O livro da antropóloga Alícia Gonçalves, professora do departamento de Ciências Sociais do CCHLA da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, intitulado: *Experiências em Economia Solidária* representa um avanço no atual campo antropológico que vem se desenvolvendo no Brasil. A antropologia que enfocava aspectos considerados típicos de sua área de conhecimento, tais como: indígena, racial, migratório, processo de fricção interétnica, e tantos outros em torno da etnicidade; transitando pelos estudos de comunidades e chegando às grandes metrópoles, por meio da antropologia urbana, com suas manchas e pedaços; passando ainda pela pertinente produção de gênero. Todas essas categorias foram respostas às nuances ligadas ao processo de massificação cultural que colocou em risco o princípio teórico-metodológico da Antropologia, a alteridade, principalmente a alteridade radical, fundada no distanciamento cultural e geográfico, que se constituía como premissa maior da produção científica antropológica. Entretanto, Lévi-Strauss no alto grau de sua sapiência respondia sobre a problemática do risco de extinção das categorias até então pesquisadas pelos antropólogos, submetidas ao processo de ocidentalização, que enquanto existirem determinadas formas de comportamento coletivo que incomodem outros grupos sociais, existirá campo de estudo antropológico.

Nesse contexto, a professora Alícia envereda no campo dos significados das atividades da Economia Solidária, descrevendo práticas, maneiras de ser e sentir de grupos organizados em cooperativas e associações. Utilizou como recurso metodológico ao desenvolver sua pesquisa o circuito trinômico que implica em identificar os atores sociais, o cenário onde se desenrolam suas tramas e as regras que circundam o universo pesquisado, segundo Magnani. A contribuição de sua pesquisa reside no fato de lançar um olhar antropológico num universo pouco estudado, especialmente no Nordeste brasileiro, pela chamada antropologia econômica ou etnografia do capitalismo contemporâneo, campo que conjuga aspectos econômicos e culturais, o que implica em marcos teóricos para fins de análises comparativas com outras realidades. Com isso não queremos afirmar que sua obra constitui uma primazia da temática Economia Solidária no Nordeste, mas sim um trabalho que vem a somar como referencial teórico-metodológico e aprofundar a literatura interpretativa do Brasil.

A tônica do trabalho etnográfico realizado no estado do Ceará sustenta-se no desafio de destrinchar o universo da Economia Solidária, em uma região historicamente balizada pelo latifúndio, indústria da seca, êxodo rural e relações de poder que configuram um espaço social marcado pela exclusão social e empobrecimento do tecido social, notada-

* Formado em História pela Universidade Estadual da Paraíba- UEPB. Especialização em "História do Brasil" pela Faculdade Integrada de Patos – FIP; atualmente é graduando em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

mente nas regiões do sertão e semiárido. Nesse aspecto, processos de exclusão são verificados também na capital Fortaleza como centro irradiador do progresso capitalista e que enfrenta problemas típicos das grandes metrópoles, como violência urbana, desemprego, favelização e bolsões de pobreza. Estas marcas que propositalmente apontam para elementos apenas desagregadores, do ponto de vista político e social são compartilhadas por outros estados do Nordeste brasileiro e foram postas em evidência para caracterizar determinados aspectos históricos do espaço socialmente produzido. Além do mais, eleva o desafio de estudar a atmosfera social dos chamados empreendimentos em Economia Solidária, a partir de uma base empírica e com uma abordagem teórica preocupada não em formular abstrações que conduzem para a morfologia social, preocupada apenas com as regras gerais que encobrem as ações de ordem prática, os processos sociais e culturais da vida cotidiana, mas para o estudo de casos que permitem elucidar e construir formulações a partir das contradições emanantes de cada ordem ou “desordem” estrutural do campo social de cada experiência estudada.

O eixo central do livro coloca em movimento conceitos e práticas que permitem lançar uma reflexão, a partir do trabalho etnográfico, acerca de formas alternativas de produzir a subsistência, de se integrar socialmente, de formar espaços de vivência a partir de categorias que se contrapõem ao circuito mercadológico capitalista, tendo como preocupação a discussão de temas geradores como: democracia, autogestão, participação e cooperação. O que passa necessariamente pelo profundo processo de educação e reeducação dos atores envolvidos. Essas formas de organização são categorizadas e instrumentalizadas a partir de uma base teórica fomentada por pensadores que se lançaram no universo da Economia Solidária no Brasil como Paul Singer, Luís Inácio Gaiger e outros. O estudo passa pela abordagem teórica de Durkheim e de Mauss para ressignificar os conceitos de solidariedade e reciprocidade, respectivamente, como pontos basilares para a construção do discurso dos empreendimentos solidários, na sua dinâmica cultural. A temática, por seu turno, toma corpo pela abordagem da descrição densa dos chama-

dos Empreendimentos Econômicos Solidários focalizados em especial no estado do Ceará, ligados a ADS (Agência de Desenvolvimento Solidário), cuja origem remete às discussões na seara política da CUT (Central Única dos Trabalhadores) como propostas alternativas ao *status quo* da economia capitalista globalizada. Sendo assim, a alma do trabalho se materializa quando a antropóloga se alimenta das experiências individuais e coletivas dos atores sociais, por meio de estudos de casos, tendo como referência a análise situacional. Esses elementos apropriados pela pesquisadora e gerados pelas relações sociais produzidas pelos indivíduos dos empreendimentos formam as experiências êmicas e são confrontadas pela produção acadêmica a respeito do entendimento do que é Economia Solidária. Nessa perspectiva, a professora Alícia busca filtrar todo esse universo a partir de uma lógica de significados, um universo simbólico próprio erigido pela intersecção de vários elementos – culturais, religiosos, econômicos, morais e valorativos – que configuram os chamados fatos sociais totais.

A construção do discurso se estabelece a partir de trabalho de campo em cooperativas e associações. São estudados oito empreendimentos que se pautam em diversas realidades vivenciadas, o que resulta em vários contextos econômicos, sociais e políticos, configurando realidades singulares estabelecidas por espaços historicamente consumados. Nesses espaços foi estudado o nível de reciprocidade e de solidariedade, conceitos que norteiam o universo cultural da Economia Solidária. A partir dessa noção é possível compreender o grau de coesão social e a sustentabilidade do empreendimento, pois nos casos estudados não se pôde universalizar ou uniformizar devido às configurações específicas, realidades díspares, desníveis ou níveis de socialização. Entretanto, a preocupação não reside na busca das regularidades e sim no processo, seguindo o raciocínio de Van Velsen de que as regras sociais se ajustam ao sabor das necessidades específicas.

A pesquisa se insere num contexto mais amplo, que é compreender alternativas de vivência, paralela à produzida pelo motor capitalista que, segundo outras análises pertinentes à tradição marxista, produzem um

exército de desvalidos, justamente os que não conseguem se ajustar às engrenagens do sistema econômico hegemônico. E são excluídos socialmente, impelidos para a periferia do sistema, que cria universos paralelos que se comunicam e se retroalimentam; que fincam espaços sociais, códigos culturais e modos de economia familiar. Segmentos que tentam se organizar em torno de objetivos comuns, dentro de espaços políticos e socialmente organizados em cooperativas ou associações. A sociedade civil organizada marca seu espaço de atuação e articula com outros setores como o estado e o mercado, na busca de soluções para os problemas vivenciados. Entretanto, no trabalho etnográfico ficou claro que em algumas experiências é possível articular rentabilidade econômica com solidariedade; em outras, a falta de interesse dos indivíduos em se lançarem nesse universo cultural e valorativo comprometem toda a rede de sociabilidade, o que gera entraves para a consecução dos objetivos propostos pelas redes de organização no que se refere ao desenvolvimento humano a partir da lógica solidária de mercado.

Foi possível vislumbrar, pela análise situacional, experiências interessantes como resposta ao individualismo e à economia de mercado. As cooperativas de crédito solidário e de produção de mel em meio ao universo dos assentados rurais do semiárido cearense; a Coopsol, cooperativa que atua na confecção de roupas, e que surgiu através de movimento social em busca de respostas para problemas enfrentados na periferia de Fortaleza/CE, como desemprego, violência e falta de saneamento básico; a Coopvida e Coopcaps, cooperativas sociais desenvolvidas em ambientes hospitalares que trabalham respectivamente com pacientes soropo-

sitivos e com distúrbios mentais, humanizando o tratamento e dando-lhes perspectiva de uma vida melhor; entre outras experiências. Entretanto, uma das grandes preocupações daqueles que se lançam ao empreendimento solidário é eliminar do circuito econômico a figura do atravessador, que é identificado como o único beneficiado da produção em conjunto, que relega aos verdadeiros produtores a menor parte do fruto do seu trabalho.

Por fim, há uma preocupação dos que se ocupam e trabalham nos empreendimentos solidários, como um espaço de intersecção entre o mercado, estado e sociedade civil organizada, no sentido de nortear políticas públicas eficazes no processo de reinserção de segmentos historicamente excluídos. Contudo, o trabalho etnográfico demonstrou facetas do sistema de relações sociais tecidas a partir da lógica patrimonialista e clientelista, formas de relação de poder cristalizadas há séculos por relações hierarquizadas que bloqueiam ou dificultam dinâmicas democráticas. A noção do dom se estabelece de forma assimétrica, canalizada pela difusão do espírito individualista cravado no seio de um amplo conjunto econômico desagregador do ponto de vista social. A cultura do associativismo deve ser entendida como prática social, portanto compartilhada entre grupos que comungam com os mesmos objetivos. Nesse sentido, o aspecto pedagógico implica na internalização de valores que possam respaldar formas de conduta social adequadas ao universo vivenciado ou postulado. Um desafio que demanda amplos esforços e principalmente vontade de tecer relações pautadas pelas ideologias "positivas" da reciprocidade e solidariedade na condução da construção de uma sociedade mais justa e igualitária.